

Fortes D'Aloia & Gabriel

www.fdag.com.br | info@fdag.com.br

ArtRio 2020

Stand B3

14–18 Out 2020

Com obras de:

Adriana Varejão | Bárbara Wagner & Benjamin de Burca | Barrão

Carlos Bevilacqua | Cristiano Lenhardt | Efrain Almeida | Erika Verzutti

Gerber Mulder | Gokula Stoffel | Gusmão + Paiva | Iran do Espírito Santo

Jac Leirner | Janaina Tschäpe | Leda Catunda | Lucia Laguna

Luiz Zerbini | Marina Rheingantz | Rodrigo Cass | Sarah Morris

Sergej Jensen | Tiago Carneiro da Cunha | Yuli Yamagata

Adriana Varejão

Rio de Janeiro, 1964

Alegoria da América (2015) pertence a uma série inspirada nas pinturas chinesas de folhas de figueira, nas quais paisagens e interiores em miniatura eram frequentemente pintados de maneira tradicional. No entanto, uma reviravolta perniciosa nos apresenta criaturas estranhas e um guerreiro chinês, tecendo vários elementos, desde a pesquisa incessante da artista sobre temas como a iconografia colonial até imagens produzidas por viajantes europeus, de animais fantasiados à cartografia. A obra mescla diferentes elementos recorrentes no trabalho de Varejão, como o recurso à cerâmica e seu craquelamento, bem como a utilização de um leque amplo de referências, visuais, históricas e simbólicas, recontextualizadas criticamente em ricas paródias. *Alegoria da América* foi apresentada na exposição Paula Rego e Adriana Varejão, em 2017 na Carpintaria.

[**Clique aqui para mais informações sobre a artista**](#)



ADRIANA VAREJÃO

Alegoria da América, 2015

Óleo e gesso sobre tela

[Oil and plaster on canvas]

134 x 136 x 6,5 cm



ADRIANA VAREJÃO
Alegoria da América, 2015



ADRIANA VAREJÃO
Alegoria da América, 2015
Detalhe [Detail]



ADRIANA VAREJÃO
Alegoria da América, 2015
Detalhe [Detail]



ADRIANA VAREJÃO
Alegoria da América, 2015

Barrão

Rio de Janeiro, 1959

As esculturas de Barrão nascem a partir de cerâmicas e porcelanas intencionalmente quebradas e reorganizadas de forma não hierárquica e, à primeira vista, aleatória. Objetos funcionais como xícaras e vasos se fundem com outros de natureza decorativa e aspecto kitsch como aves e cachorros. Uma vez fragmentadas e reagrupadas, as peças perdem sua funcionalidade e aspecto decorativo, abrindo caminho para novas interpretações, sempre carregadas de ironia e humor.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



BARRÃO
Vagativus, 2020

Louça e resina
[Porcelain and epoxy resin]
77 x 31 x 45 cm



BARRÃO
Vagativus, 2020



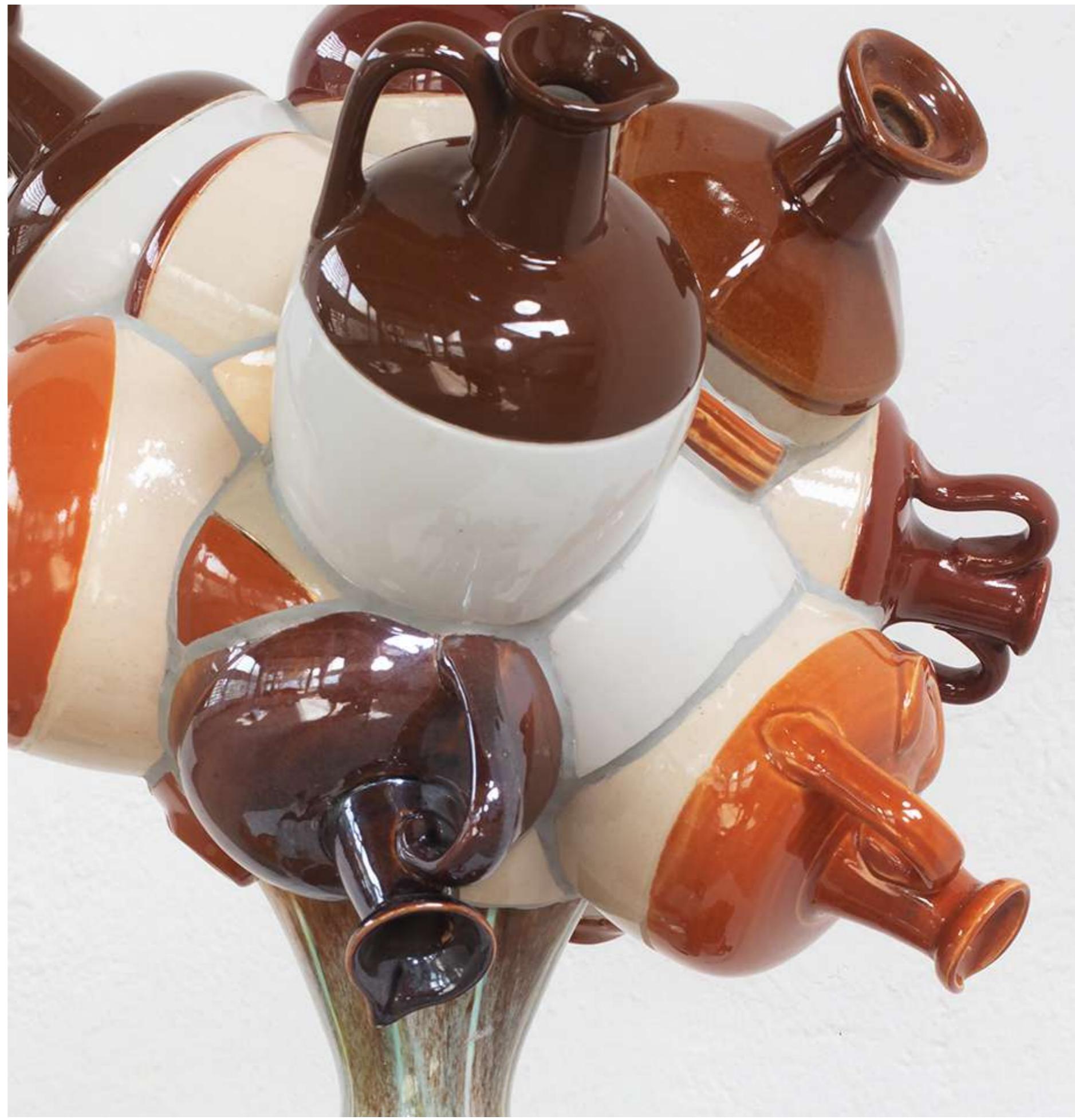
BARRÃO

Os Perigos do Amor, 2020

Louça e resina epóxi

[Porcelain and epoxy resin]

85 x 48 x 49 cm



BARRÃO
Os Perigos do Amor, 2020

Carlos Bevilaqua

Rio de Janeiro, 1965

O trabalho de Carlos Bevilacqua opera na tensão permanente entre instabilidade e equilíbrio, no intervalo semântico definido por ele como “instante poético”. Ele emprega materiais como madeira, aço, pedras e vidro em suas configurações mais sintéticas – linha, ponto, círculo, esfera – para então testar seus limites físicos até o momento preciso em que as tensões encontram seu ponto de estabilidade.

[**Clique aqui para mais informações sobre o artista**](#)



CARLOS BEVILACQUA

Homem análogo 2, 2015

Madeira, feltro e ramo de avenca

[Wood, felt and Southern maidenhair fern branch]

36 x 42 x 42 cm



CARLOS BEVILACQUA
Homem análogo 2, 2015

Cristiano Lenhardt

Itaara, 1975

Cristiano Lenhardt trabalha com diversas mídias e processos: vídeo, performance, observação, fotografia, desenho e gravura. A criação de sua obra se dá por meio da transformação de materiais e símbolos do cotidiano, oriundos do folclore a literatura, passando pela ficção científica. Ao usar lápis grafite para ocultar anúncios, publicidades e notícias que estampam as páginas do jornal, o artista propõe uma reciclagem do mundo.

[**Clique aqui para mais informações sobre o artista**](#)



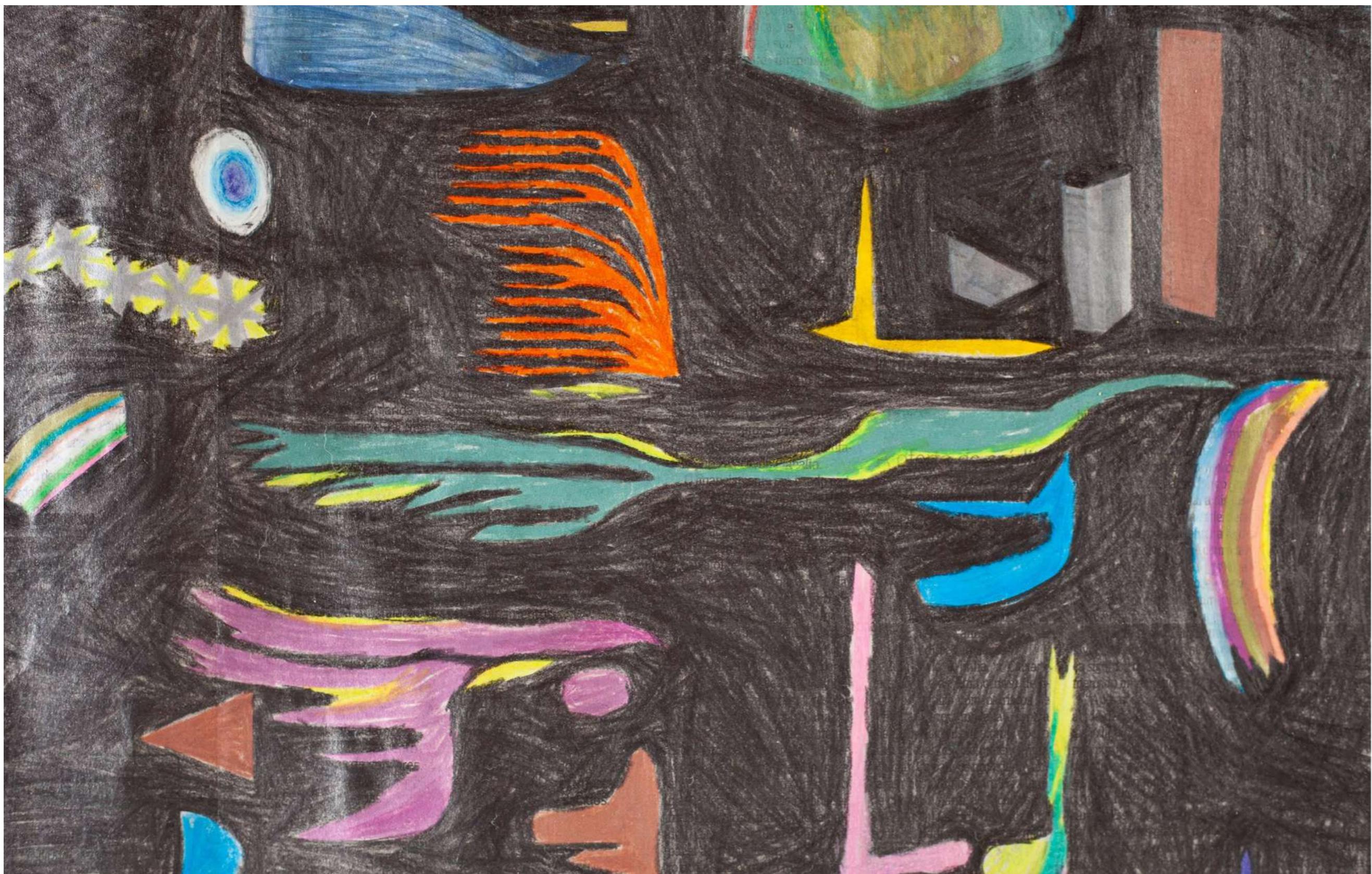
CRISTIANO LENHARDT

Sem Título, 2020

Grafite e lápis de cor sobre jornal

[Graphite and colored pencils on newspaper]

54 x 61 cm



CRISTIANO LENHARDT
Sem Título, 2020
Detalhe [Detail]

Efrain Almeida

Boa Viagem, 1964

A obra de Efrain Almeida trata de maneira sutil e silenciosa de questões relacionadas ao corpo, à sexualidade e à religião, permeada por referências regionais de sua vivência no Nordeste. Seu trabalho evidencia imagens da natureza, do universo mitológico e da cultura popular. Nas palavras do artista, "é um adensamento da minha pesquisa em aquarela. Vou processando essa passagem de tempo e luz no trabalho e a importância de pensar essas oposições de abstração/figuração, de como pode se dar essa relação."

[**Clique aqui para mais informações sobre o artista**](#)



EFRAIN ALMEIDA

Cabeça Transe com Lágrimas de Nossa Senhora, 2020

Bronze, óleo, madeira e acrílico

[Bronze, oil, wood and plexiglass]

64 x 25 x 25 cm



EFRAIN ALMEIDA

Cabeça Transe com Lagrimas de Nossa Senhora, 2020

Detalhe [Detail]



EFRAIN ALMEIDA
*Cabeça Transe com Lágrimas
de Nossa Senhora, 2020*



EFRAIN ALMEIDA
O Exilado / The Exile, 2020
Aquarela sobre papel
[Watercolor on paper]
51 x 36 cm



EFRAIN ALMEIDA

O Migrante / The Migrant, 2020

Aquarela sobre papel

[Watercolor on paper]

51 x 36 cm

Erika Verzutti

São Paulo, 1971

A *Era da Inocência Acabou* e *Colagem*, ambas de 2020, partem de referências cubistas e usam o jornal como registro literal da realidade. Em *A Era da Inocência Acabou* é possível identificar o nome do jornal e mesmo as manchetes que remetem à crise atual. Já no centro dessa “escultura de parede” Verzutti desenvolve uma conversa com a pintura cubista. A colagem – que foi o modus operandi dos cubistas por excelência – se materializa no trabalho homônimo de Verzutti através dos relevos na superfície. A artista transita com facilidade entre bronze, alumínio e pintura, articulando referências diversas à história da arte, bem como sua percepção acerca de fenômenos contemporâneos.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)

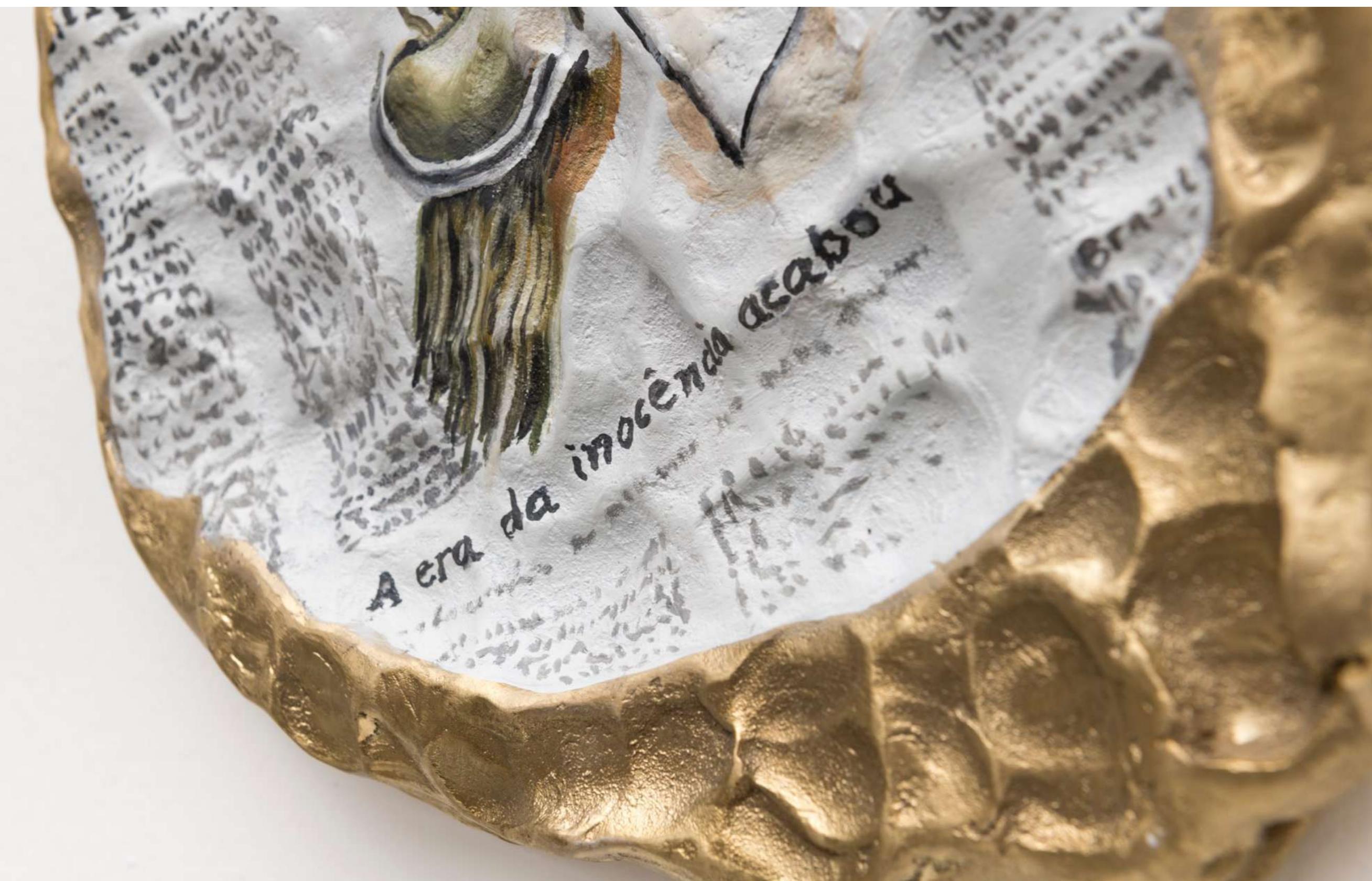


ERIKA VERZUTTI
A Era da Inocência Acabou, 2020
Acrílica e óleo sobre bronze
[Acrylic and oil on bronze]
30,5 x 29,5 x 4 cm



ERIKA VERZUTTI

A Era da Inocência Acabou, 2020



ERIKA VERZUTTI

A Era da Inocência Acabou, 2020

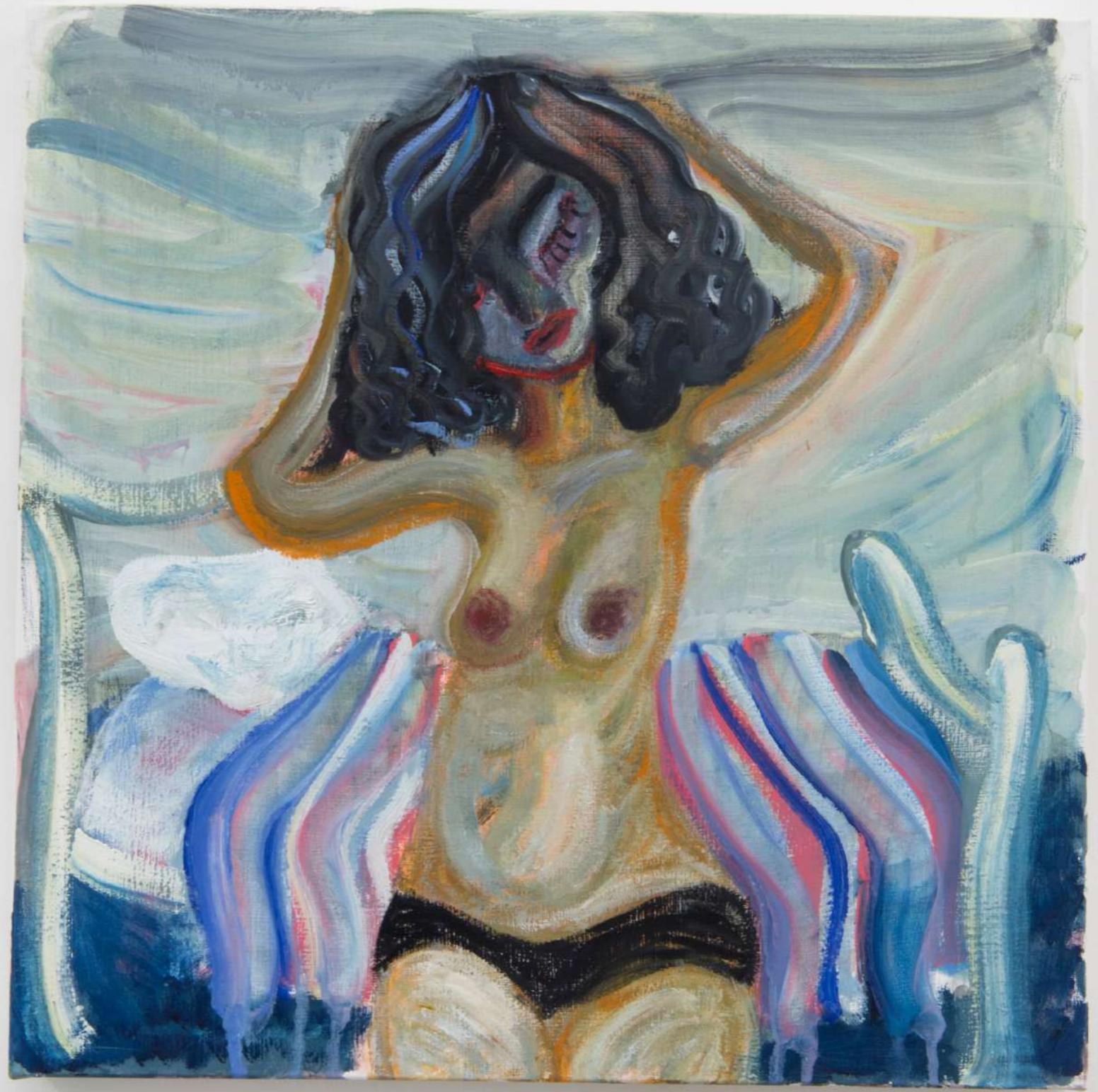
Detalhe [Detail]

Gerben Mulder

Amsterdã, 1972

Em suas pinturas, Mulder explora o retrato como ponto de partida para a ficção e a investigação existencial. Seus personagens têm proporções distorcidas, olhos inchados e alucinadamente saltados, caminham em uma linha tênue entre inocência e perversão. Já suas flores parecem refletir a mesma gama de complexidade humana. A gestualidade expressionista da pinçelada e a camada espessa de tinta acentuam a densidade dos temas que, em contrapartida, são tratados com uma paleta de cores luminosas, com uma forte base em azul.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



GERBEN MULDER
Start of the Day, 2020
Óleo sobre tela
[Oil on canvas]
40 x 40 cm

GERBEN MULDER
Garden Tired Still Life, 2020
Óleo sobre tela
[Oil on canvas]
70 x 50 cm





GERBEN MULDER
Garden Tired Still Life, 2020

Gokula Stoffel

Porto Alegre, 1988

A obra *Halo* (2020), de Gokula Stoffel, trata-se de pintura em tinta acrílica sobre diversas camadas de lona plástica recortadas e sobrepostas. A narrativa acontece nos contornos e nas costuras das diversas partes, bem como nas pinceladas. Através de uma superfície translúcida e reflexiva a artista aborda um fluxo contínuo de imagens de naturezas distintas: retratos, paisagens, recortes e texturas abstratas.

[**Clique aqui para mais informações sobre a artista**](#)



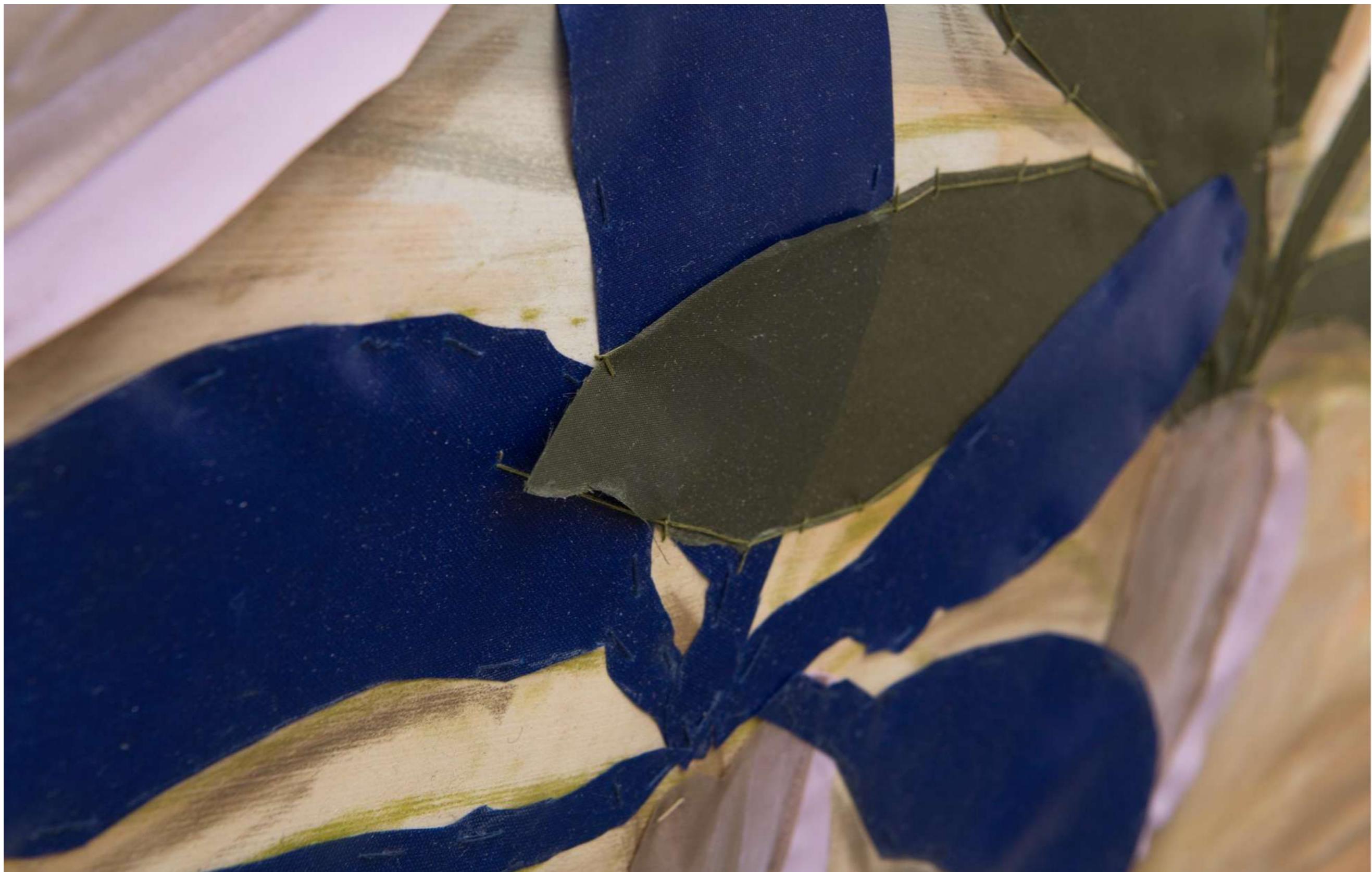
GOKULA STOFFEL

Halo, 2020

Acrílica e tecidos sobre lona plástica

[Acrylic and fabrics on plastic canvas]

202 x 155 cm



GOKULA STOFFEL

Halo, 2020

Detalhe [Detail]



GOKULA STOFFEL
Halo, 2020

Iran do Espírito Santo

Mococa, 1963

Estudo para Poste (2007) antecede a realização de um trabalho que empresta seu formato de um poste de iluminação pública das ruas de Nova York. Apesar de um “estudo”, a obra conta uma precisão absoluta em relação ao modelo original. Executada em aço inoxidável sólido, ela se insere na linhagem de trabalhos que lidam diretamente com a ideia da luz por meio de objetos e aparelhos emissores, que desde os anos 90 integram a obra do artista. A densidade é bastante importante, especialmente pela contradição do lugar da luz ser preenchido pela matéria densa.

[**Clique aqui para mais informações sobre o artista**](#)



IRAN DO ESPIRITO SANTO
Estudo para Poste, 2007
Aço inoxidável
[Stainless steel]
70 x 16 x 16 cm



IRAN DO ESPIRITO SANTO
Estudo para Poste, 2007
Detalhe [Detail]



IRAN DO ESPIRITO SANTO

Sem Título (VIII), 2019

Marcador permanente sobre papel
[Permanent marker on paper]

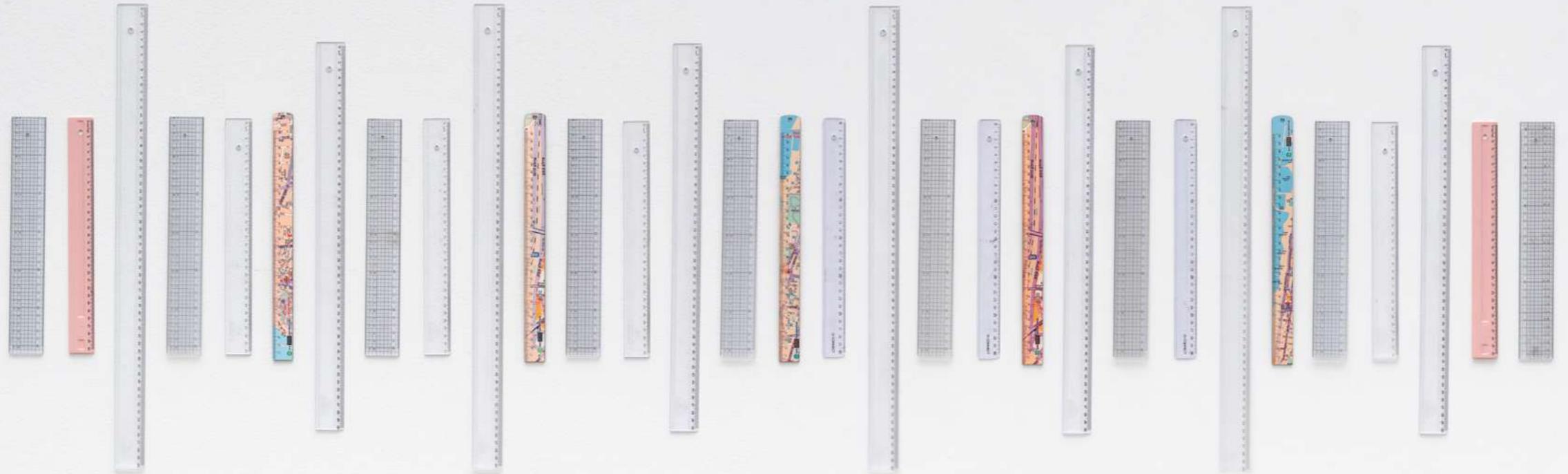
153,5 x 107 cm

Jac Leirner

São Paulo, 1961

Azul e Rosa (2020), de Jac Leirner, consiste em 31 réguas que se estruturam com um centro comum, linear, horizontal na parede. Formalmente, o aparecimento desse raciocínio compositivo e estrutural é marcante na obra da artista, onde com frequência a linha ou o enfileiramento de coisas estrutura a obra na horizontal. As réguas enquanto objetos são tomados e desviados de suas características úteis e comuns.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)

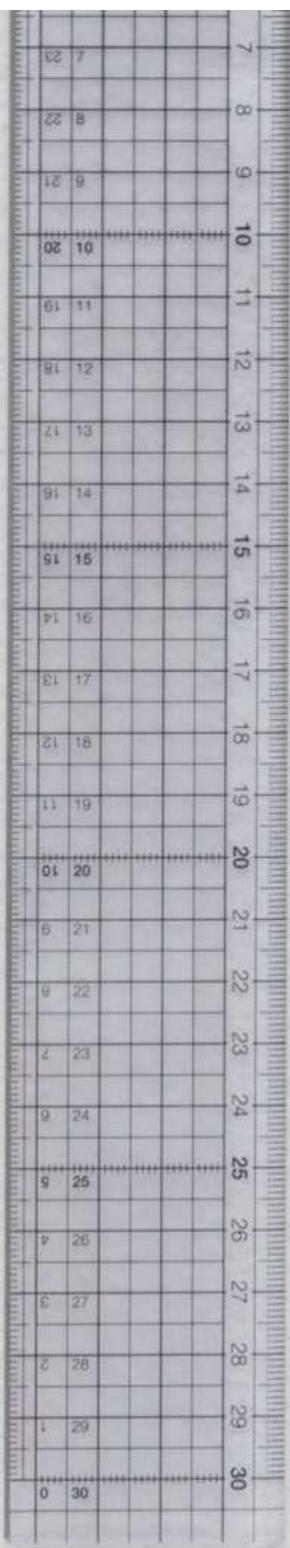


JAC LEIRNER
Azul e Rosa, 2020
Régulas de plástico [Plastic rulers]
31 régulas [rulers] | 60 x 202 cm

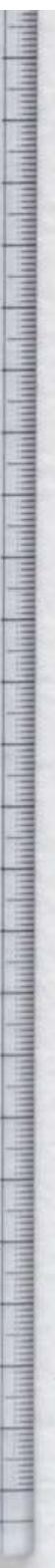
16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 4



16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 4



16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 4





JAC LEIRNER
Azul e Rosa, 2020

Janaina Tschäpe

Munique, 1973

A natureza avassaladora em torno do estúdio de Tschäpe na Bocaina surge em *Ocean Mountain* (2020) entrelaçada com memórias do mar e a exploração de sentimentos pessoais. A obra aparece, inicialmente, como uma experiência sinestésica. Segundo amplas e poderosas pineladas de caseína, vários elementos de lápis aquarela se destacam na superfície da tela, conferindo intensidade e ritmo.

[**Clique aqui para mais informações sobre a artista**](#)

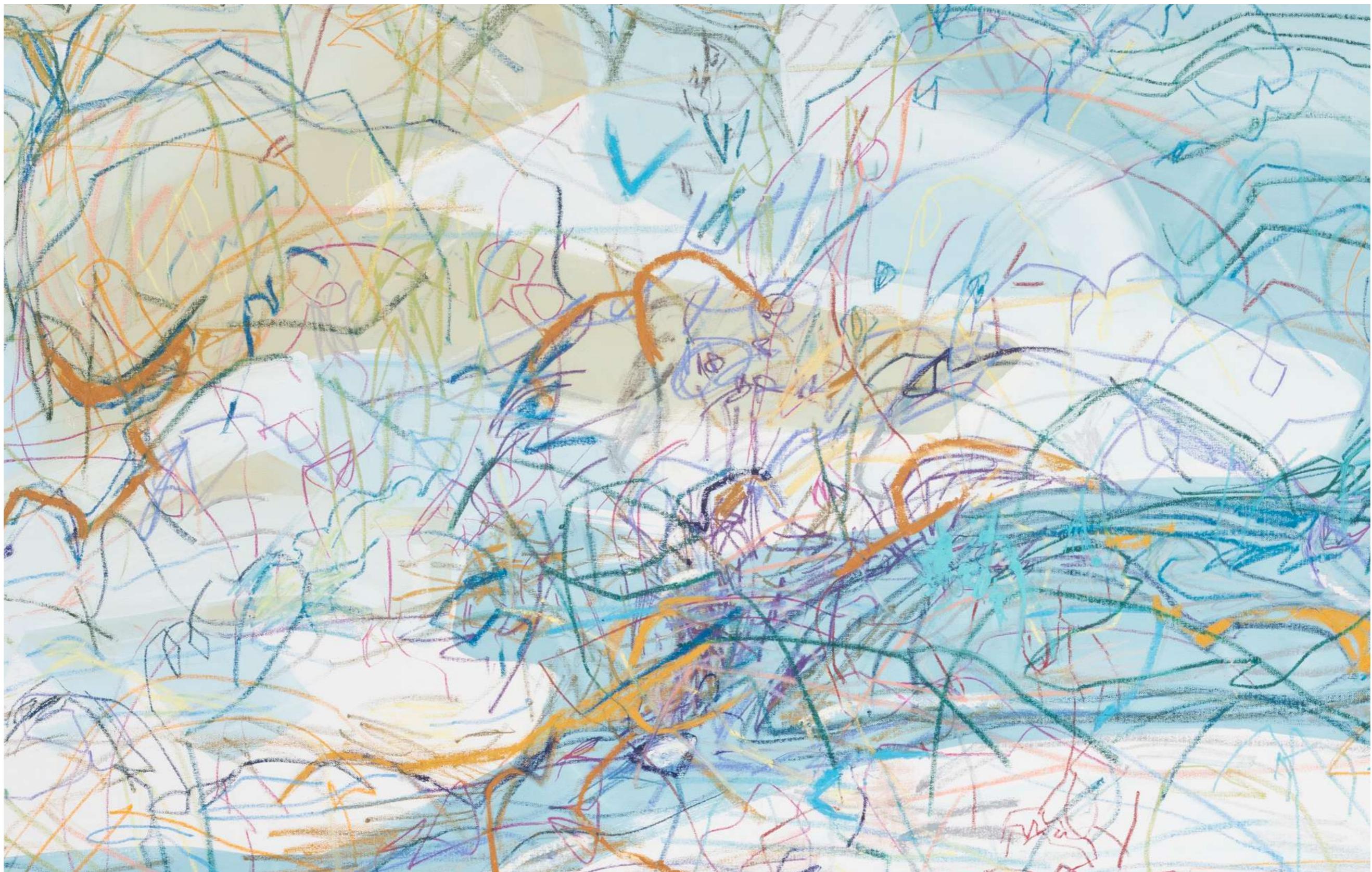


JANAINA TSCHÄPE

Ocean Mountain, 2020

Tinta à base de caseína e lápis de cor sobre tela [Casein and colored pencil on canvas]

222 x 297 cm



JANAINA TSCHÄPE
Ocean Mountain, 2020
Detailhe [Detail]



JANAINA TSCHÄPE
Ocean Mountain, 2020

João Maria Gusmão + Pedro Paiva

Lisboa, 1979 | Lisboa, 1977

A dupla Gusmão + Paiva utiliza bases esquemáticas simplificadas para examinar nossa relação com a realidade e subvertê-la com humor e sensibilidade, conferindo às coisas triviais uma aura enigmática. Eles optam por modelar não as peças em si, mas seus moldes – um recurso que abre possibilidades ao acaso e os afasta de qualquer apreensão de estilo. A lógica de seus trabalhos está intimamente relacionada ao desenho feito despretensiosamente, em uma ação quase distraída, como acontece em *Escultura com cão* (2018).

[Clique aqui para mais informações sobre os artistas](#)



GUSMÃO + PAIVA

Escultura com cão | Sculpture with Dog, 2018

Bronze

Dimensões totais [Overall dimensions]: 137 x 60 x 40 cm

Escultura [Sculpture] 1: 21 x 26 x 20 cm | Escultura [Sculpture] 2: 57 x 50 x 35 cm | Base: 80 x 60 x 40 cm

Edição de [Edition of] 3 + 2 AP



GUSMÃO + PAIVA
Escultura com cão | Sculpture with Dog, 2018

Leda Catunda

São Paulo, 1961

As pinturas de Catunda emergem não a partir de uma tela em branco, mas de vários tecidos — veludo, seda, voile, para citar alguns. Materiais ricos em texturas e cores são sobrepostos, entrelaçados e recortados, conferindo movimento e tato. A tinta é aplicada como uma espécie de toque final, completando o processo e sugerindo formas orgânicas. Em *Rosa* (2020) as cores nos lembram os tons do entardecer e um buraco, parecendo o sol, nos permite acessar a rica gama de camadas que compõem a obra.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)



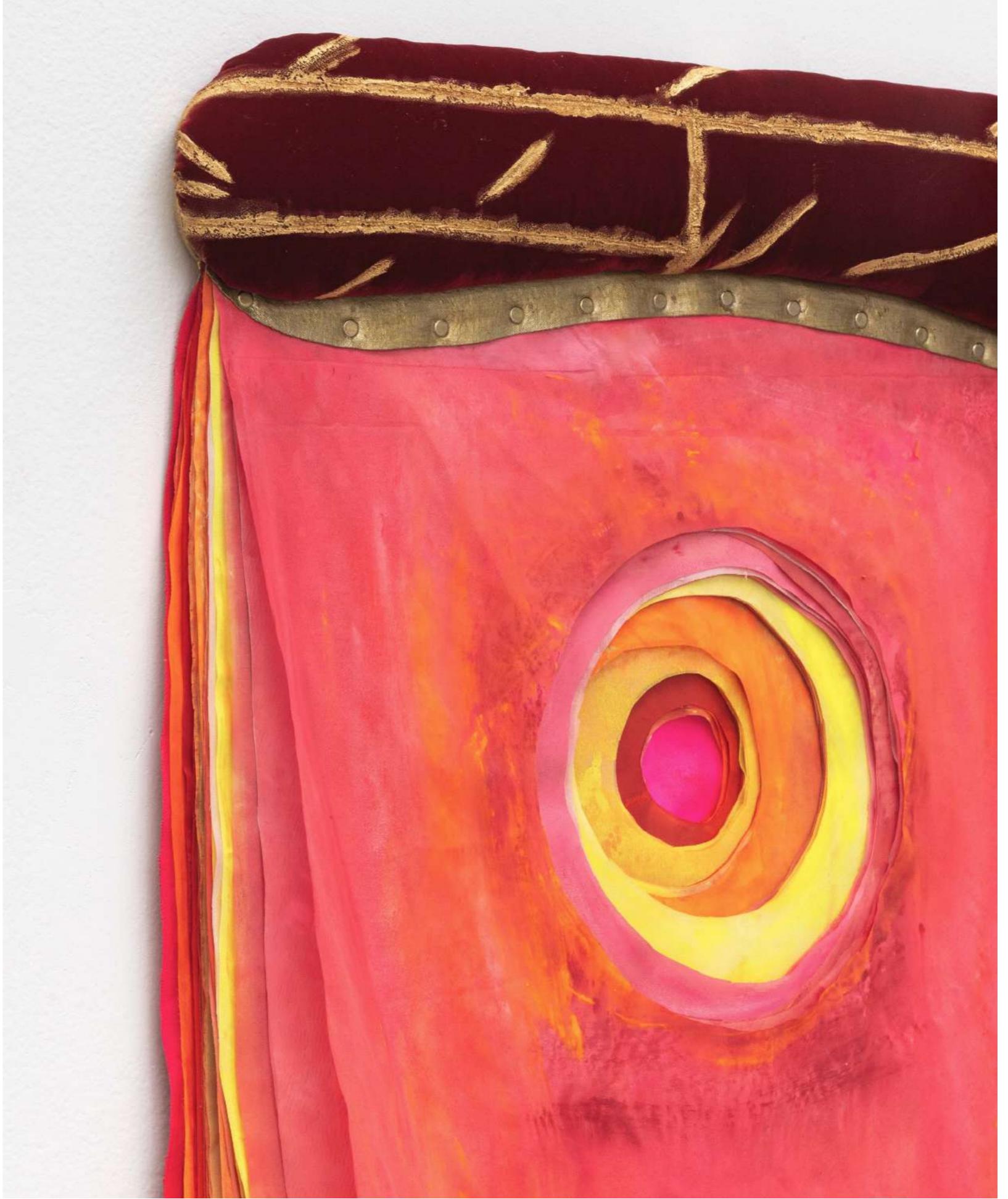
LEDA CATUNDA

Rosa, 2020

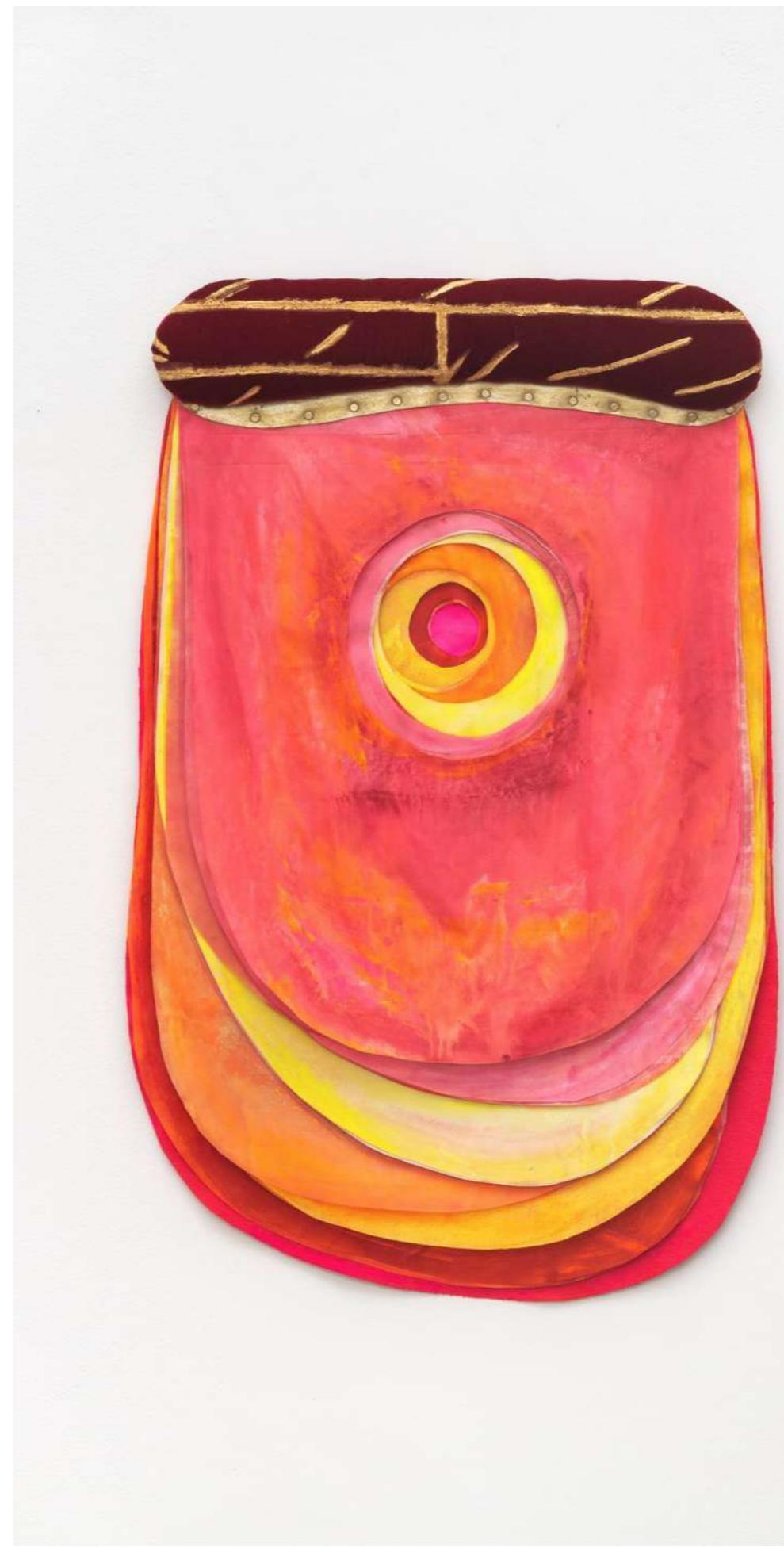
Acrílica sobre tecido

[Acrylic on fabric]

102 x 66 cm



LEDA CATUNDA
Rosa, 2020
Detalhe [Detail]



LEDA CATUNDA
Rosa, 2020



Lucia Laguna

Campo dos Goytacazes, 1941

Jardim nº 47 (2020) dá continuidade a temática do jardim que Lucia Laguna vem desenvolvendo desde o início de sua produção. O jardim, no caso, é o da casa da própria artista, uma paisagem que ela cultiva há 40 anos: um emaranhado de plantas, árvores, insetos, objetos e móveis. No ateliê, as referências da história da arte se misturam propondo uma outra perspectiva. Se a abstração e a geometria intrínsecas às composições de Laguna tem origem na tradição da pintura, a figuração e o acúmulo remetem às cores do seu entorno. Ou seja, o dentro e o fora se contaminam à medida que as pinturas tomam corpo, em um tempo singular de maturação. A tela é, simultaneamente, limite e abertura.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)



LUCIA LAGUNA
Jardim nº 47, 2020

Acrílica e óleo sobre tela
[Acrylic and oil on canvas]
180 x 160 cm



LUCIA LAGUNA
Jardim nº 47, 2020
Detalhe [Detail]



LUCIA LAGUNA
Jardim nº 47, 2020

Luiz Zerbini

São Paulo, 1959

Luiz Zerbini desenvolve um complexo vocabulário visual que habita entre a figuração, abstração e geometria. Para o artista, a tela é um campo expandido de possibilidades, seja enquadrando a perspectiva do espetador ou construindo janelas imersivas. Nas palavras do artista, "eu penso como um pintor, então isso significa que toda a compreensão do mundo vem dos meus olhos muito mais do que da minha mente. Eu tenho algumas ideias e então preciso esperar que a vida venha por meio dessa ideia e faça que muitas coisas aconteçam nesse período que vai terminar a pintura. Estou sempre pensando em quadrados. Ladrilhos por exemplo e padrões e coisas geométricas. Então, por exemplo, estou sempre fazendo abstrato e figurativo ao mesmo tempo."

[**Clique aqui para mais informações sobre o artista**](#)

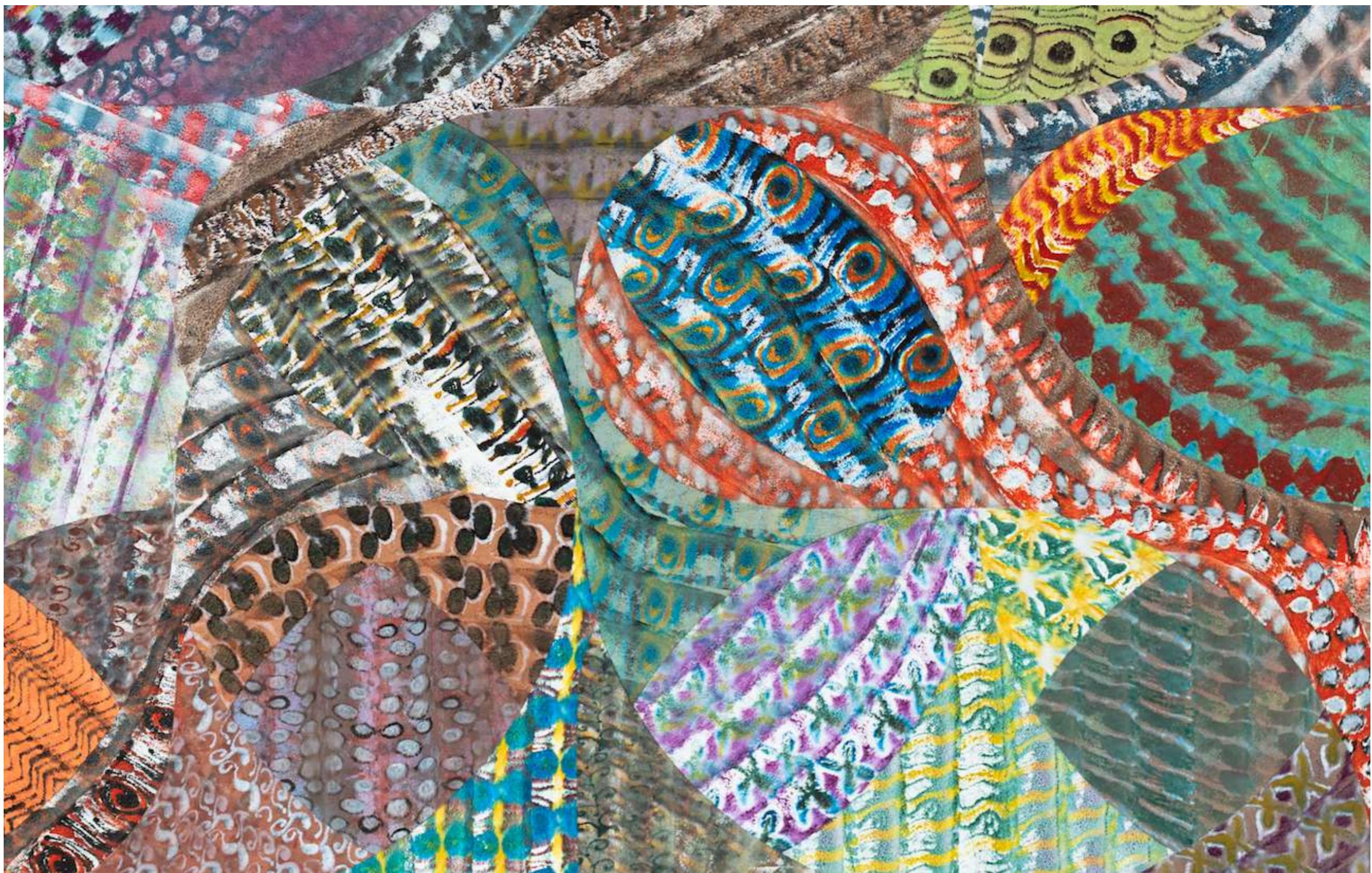


LUIZ ZERBINI

Rio das Almas, 2020

Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas]

160 x 160 cm



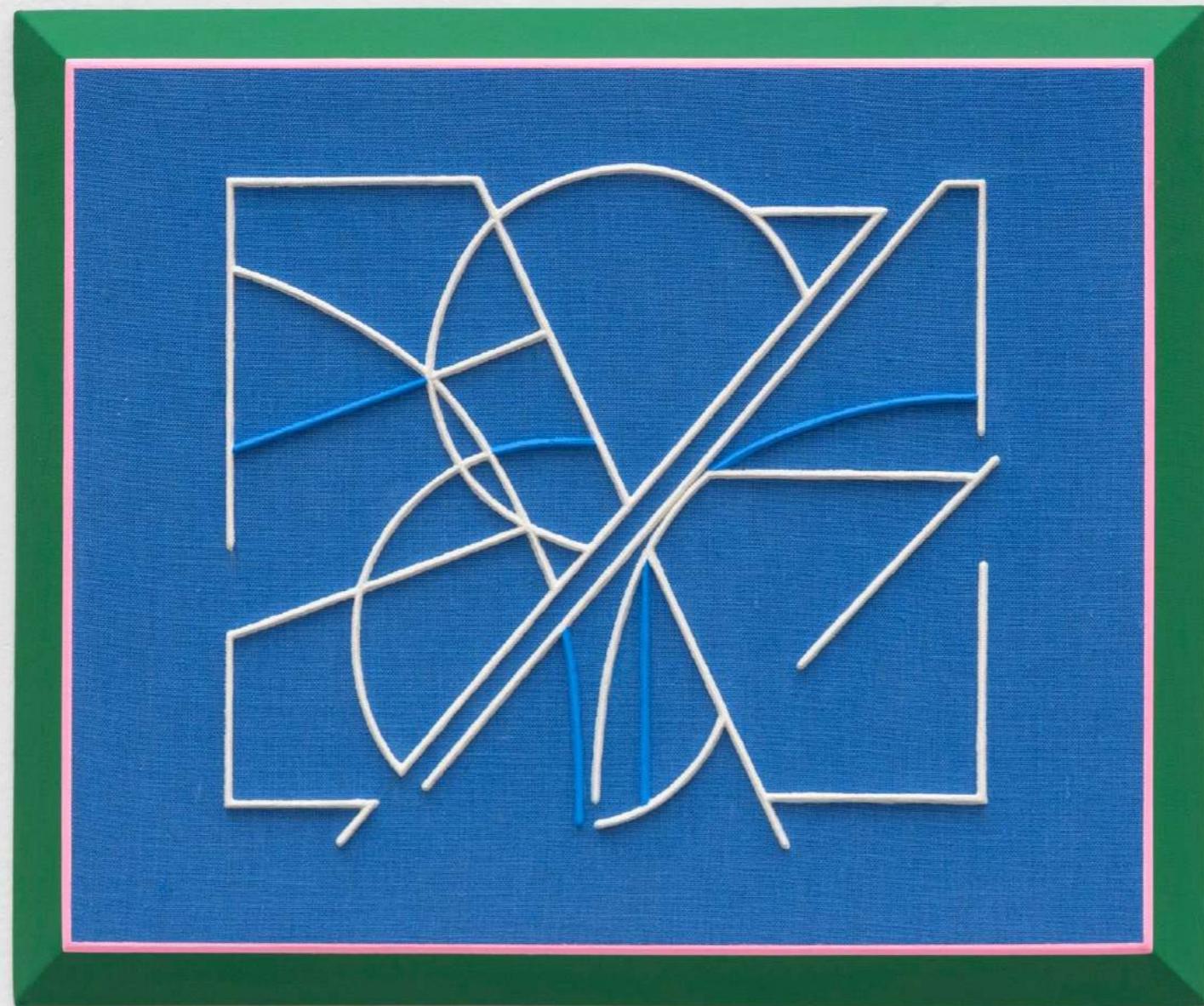
LUIZ ZERBINI
Rio das Almas, 2020
Detalhe [Detail]

Rodrigo Cass

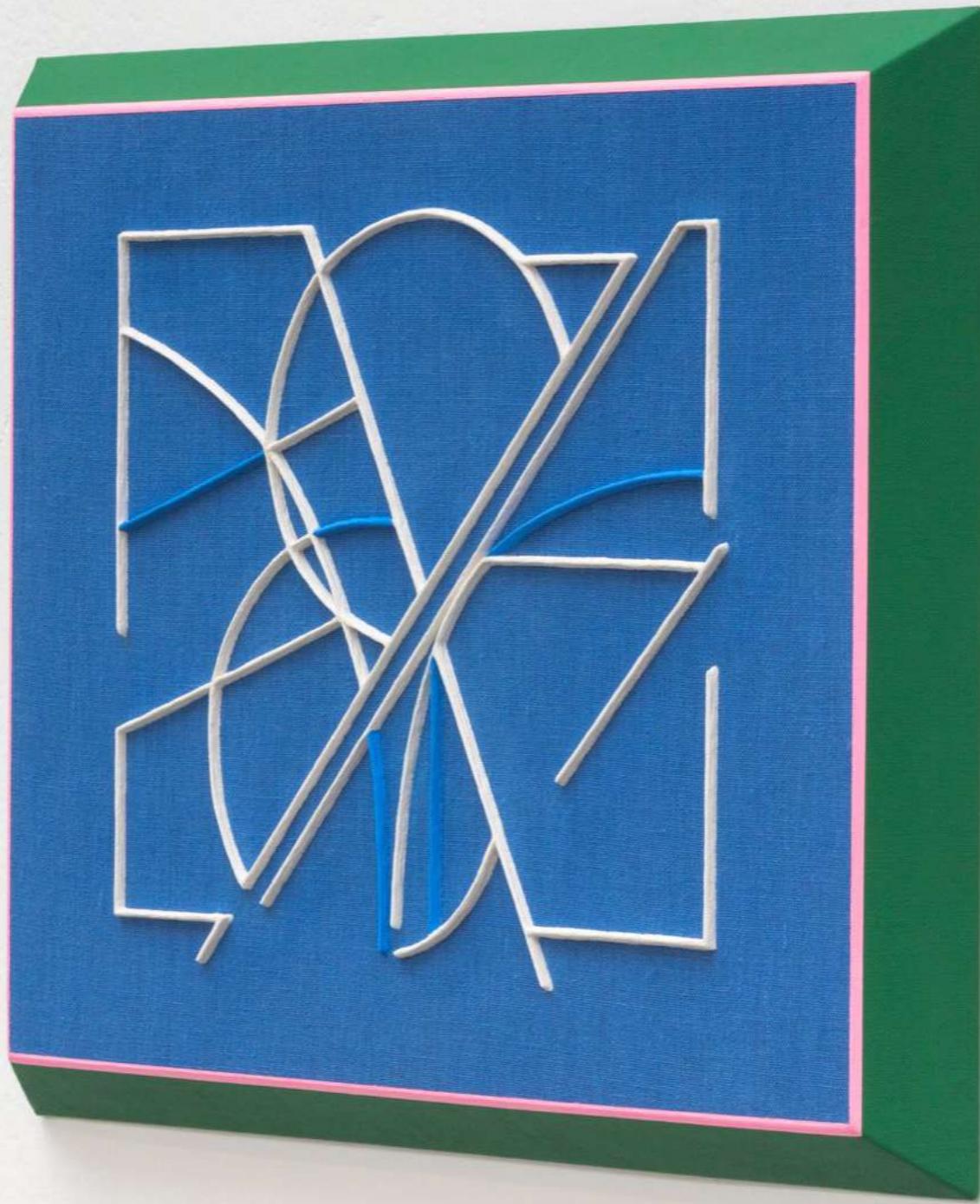
São Paulo, 1983

Rodrigo Cass explora questões que vão da representação sacro-religiosa à história moderna da arte brasileira. A superfície monocromática de suas pinturas é interrompida por traços de concretometiculosa mente aplicados para criar margens e intervalos, momentos de pausa e silêncio. De acordo com Cass, “num mundo cercado de tantas regras, me dá muito prazer olhar a quebra e o rompimento de uma estrutura, de uma linha, de um plano, e descobrir como que mensagens profundas dentro dessas quebras. Tenho utilizado concreto, cimento cinza e branco sobre linho, papel, fotografia para criar objetos e projetar vídeos. O concreto me interessa por ser um material de construção e com ele posso tornar visível, urgente, real, figuras em transformação. Ele é o elemento da arquitetura, está nas calçadas, é um elemento do mundo.”

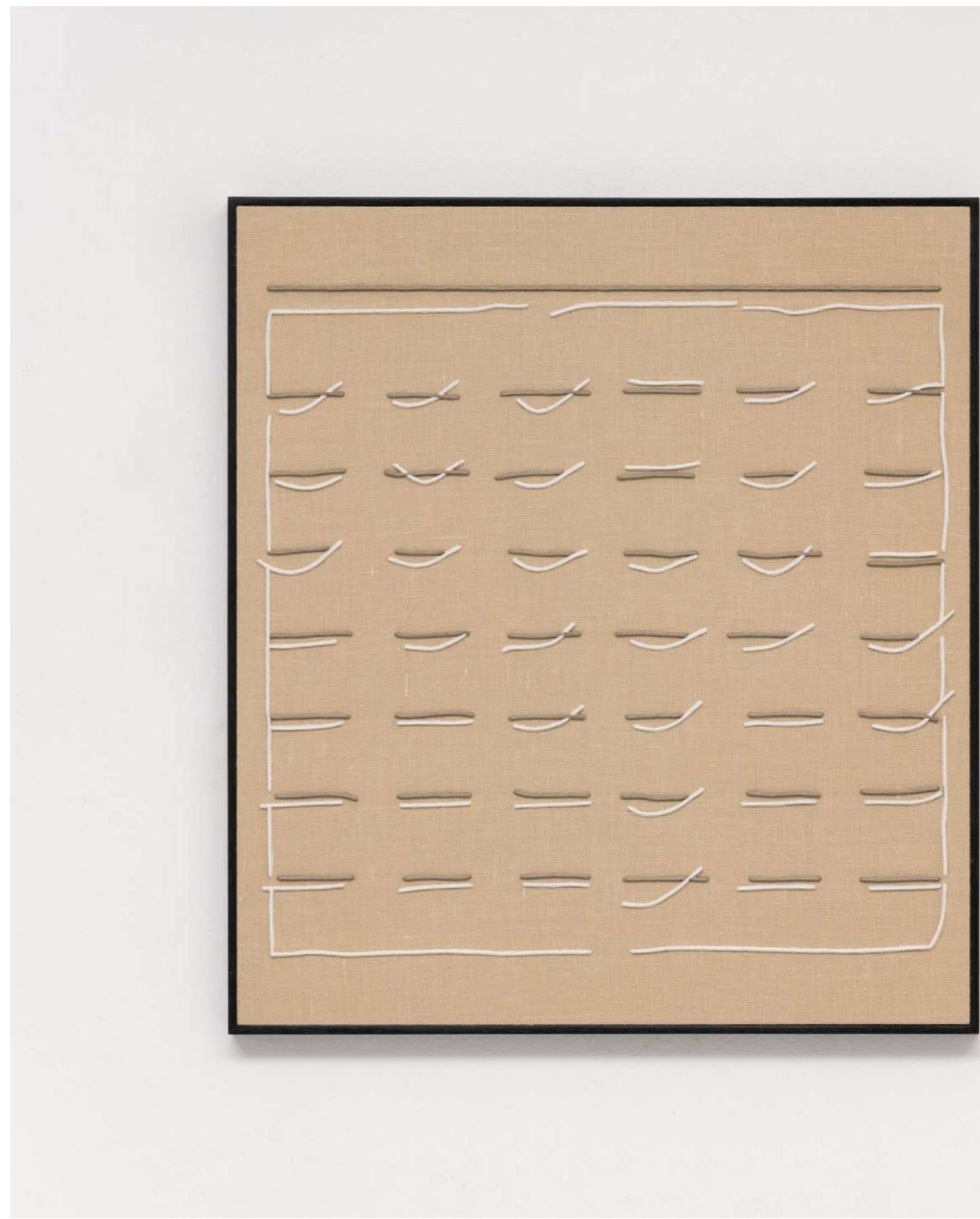
[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)



RODRIGO CASS
future review, 2020
Concreto, concreto branco e tempera sobre linho [Concrete, white concrete and tempera on linen]
31 x 37 x 2.5 cm



RODRIGO CASS
future review, 2020



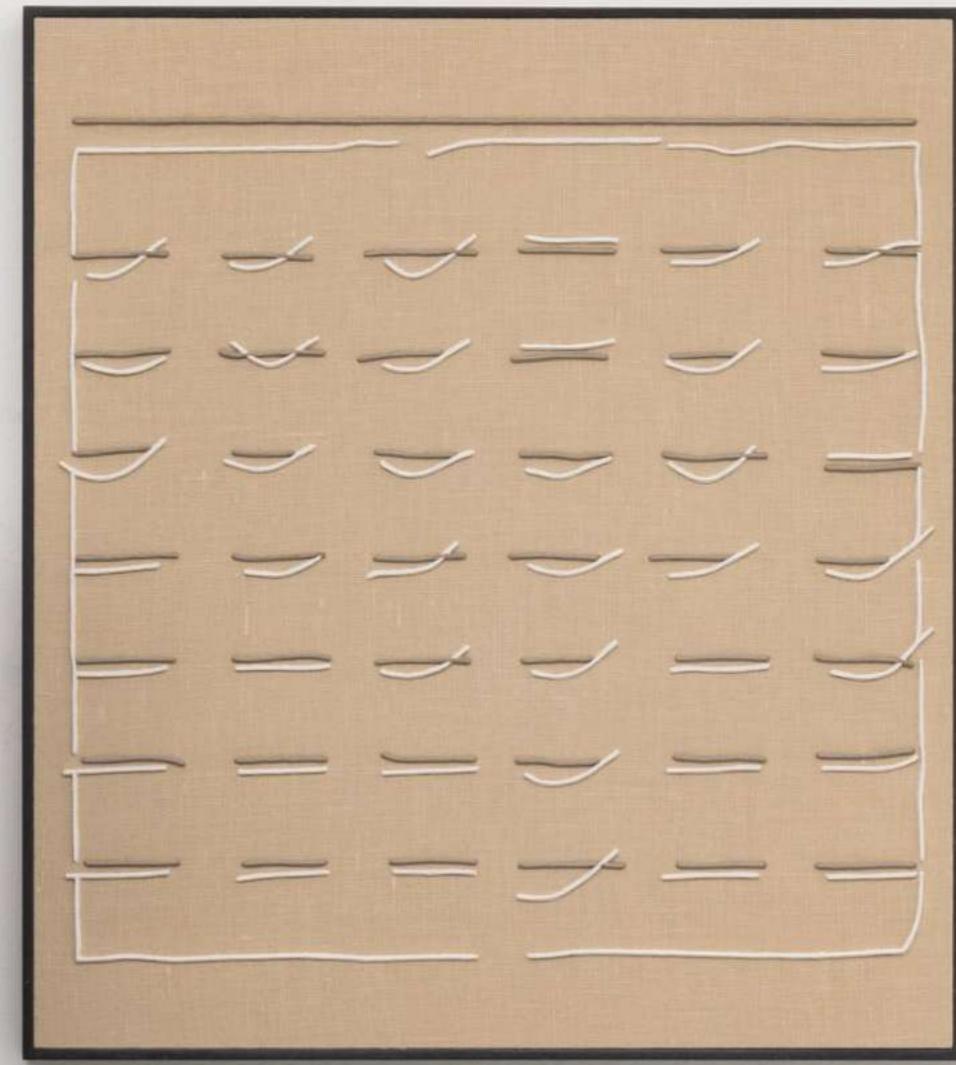
RODRIGO CASS

Sensitive Space, 2020

Concreto e tempera sobre linho

[Concrete and tempera on linen]

50 x 45 x 3 cm



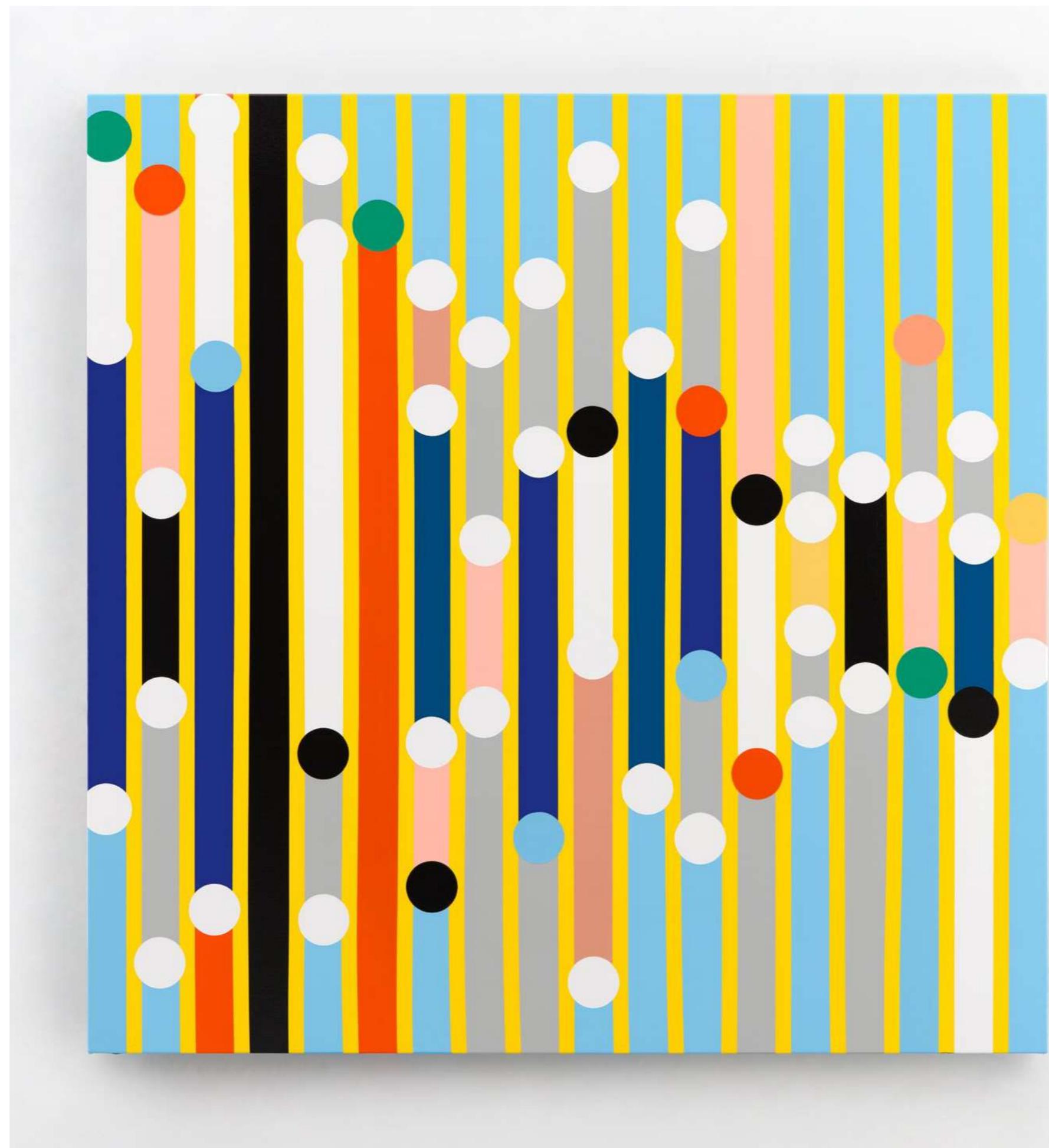
RODRIGO CASS
Sensitive Space, 2020

Sarah Morris

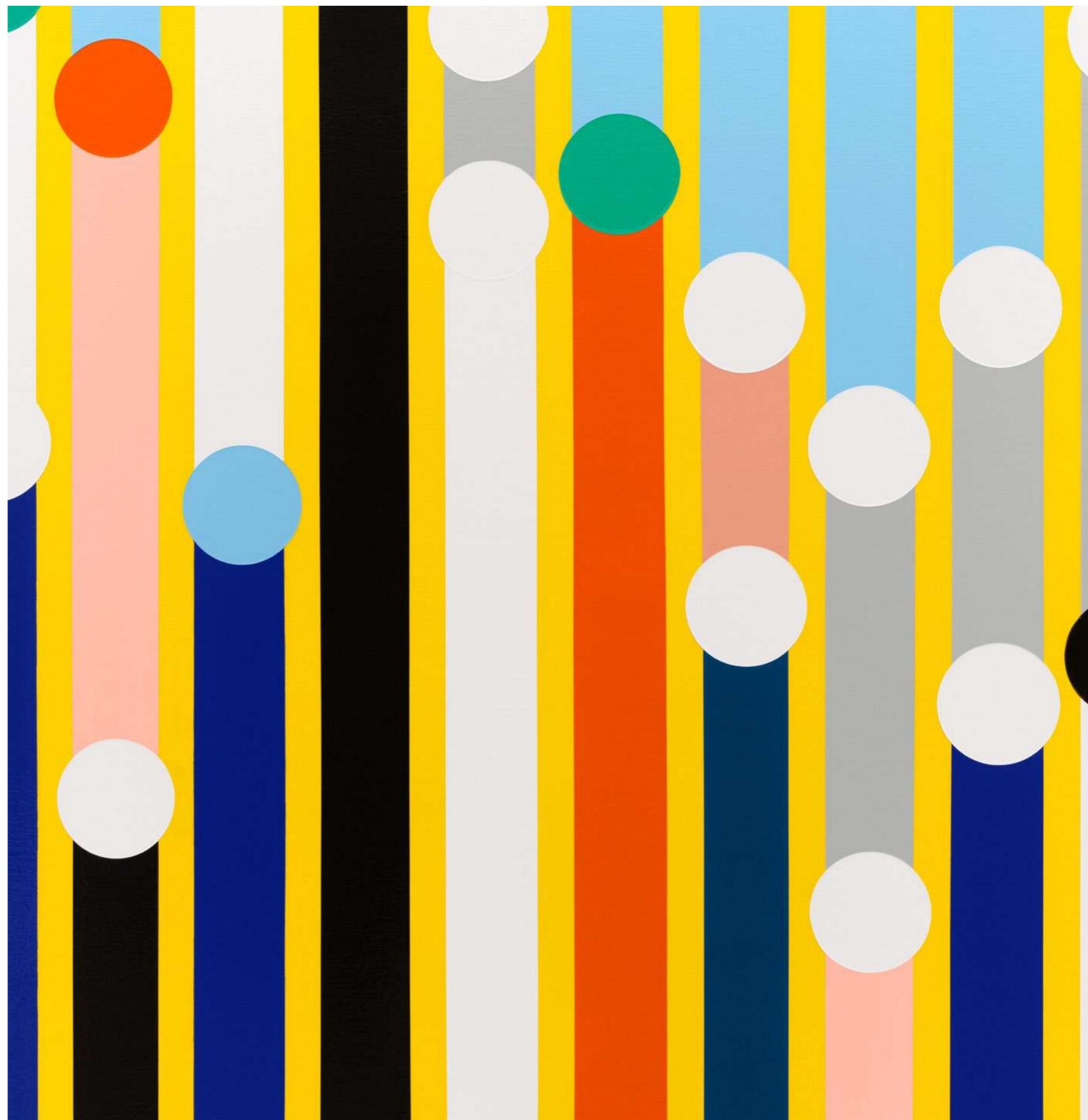
Sevenoaks, 1967

The building looks like a ship (2020) faz parte de um corpo de trabalhos que têm origem em fragmentos de gravações de conversas. Os gráficos de som são interpretados através de esmalte sobre tela, expandindo o vocabulário de Morris sobre linguagem, tecnologia e monitoramento. Repleta de vigor e movimento, a pintura emerge da observação e da escuta, utilizando duplicação, simetria e compressão.

[Clique aqui para mais informações sobre a artista](#)



SARAH MORRIS
The building looks like a ship
[Sound graph], 2020
Esmalte sobre tela
[Household gloss on canvas]
152.5 x 152.5 cm



SARAH MORRIS
The building looks like a ship
[Sound graph], 2020
Detail [Detail]



SARAH MORRIS
The building looks like a ship
[Sound graph], 2020

Sergej Jensen

Maglegaard, 1973

Sergej Jensen subverte o vocabulário tradicional da pintura apropriando-se dos mais variados tipos têxteis. O artista aborda a superfície enquanto um campo de construção – e desconstrução – em que manchas, imperfeições e borrões por vezes aludem a mapas e paisagens, desafiando os métodos, materiais e cânones da pintura e oferecendo uma interpretação provocadora, rigorosa e elegante do que pode ser feito no campo atualmente.

[**Clique aqui para mais informações sobre o artista**](#)

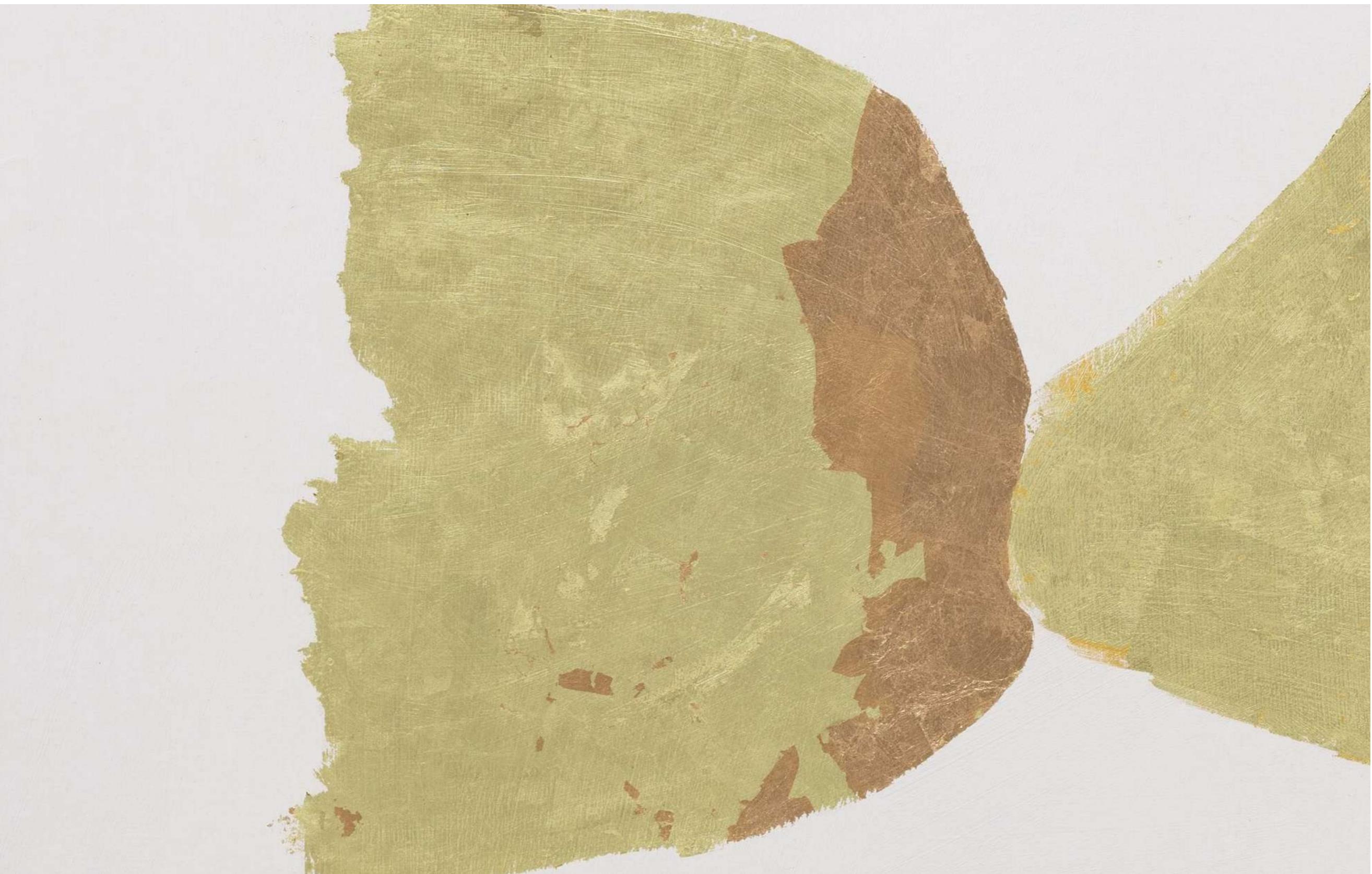


SERGEJ JENSEN
Untitled, 2017

Ouro e acrílica sobre linho

[Gold and acrylic on linen]

83 x 84 cm



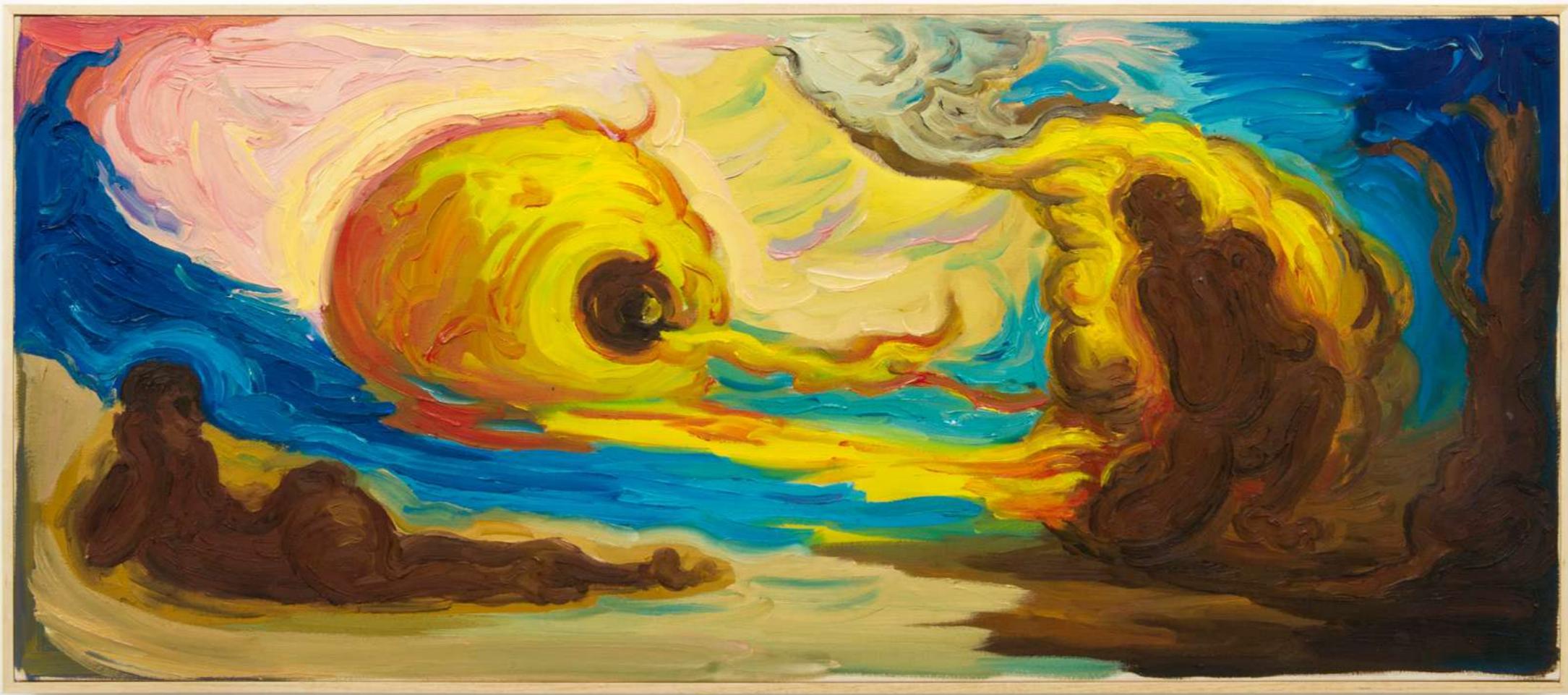
SERGEJ JENSEN
Untitled, 2017
Detailhe [Detail]

Tiago Carneiro da Cunha

São Paulo, 1973

Em *Survivors* (2020) o artista reitera a obsessão pelo gesto ao investigar o uso de aparatoss variados em seu processo de pintura, dentre eles espátulas e pincéis de diferentes formatos e dimensões. A composição possui um ponto focal no centro da tela e a partir do qual ganha corpo em um processo que abarca o improviso, o erro e o acaso. Assim, Carneiro da Cunha arquiteta um cenário à beira-mar em que figuras interagem com o sol, este também, como personagem, dotado de qualidades e emoções humanas.

[Clique aqui para mais informações sobre o artista](#)

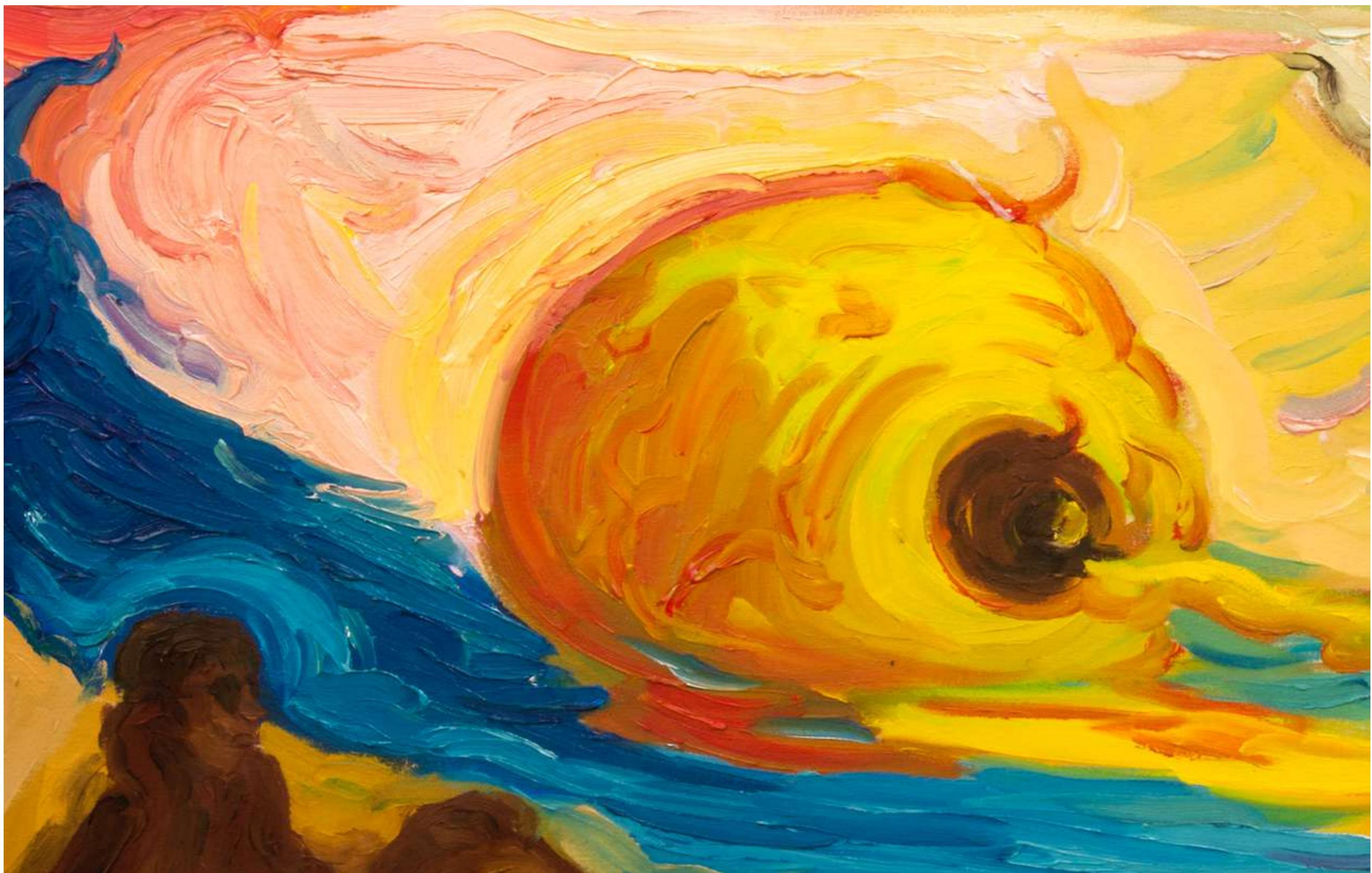


TIAGO CARNEIRO DA CUNHA

Survivors, 2020

Óleo sobre tela [Oil on canvas]

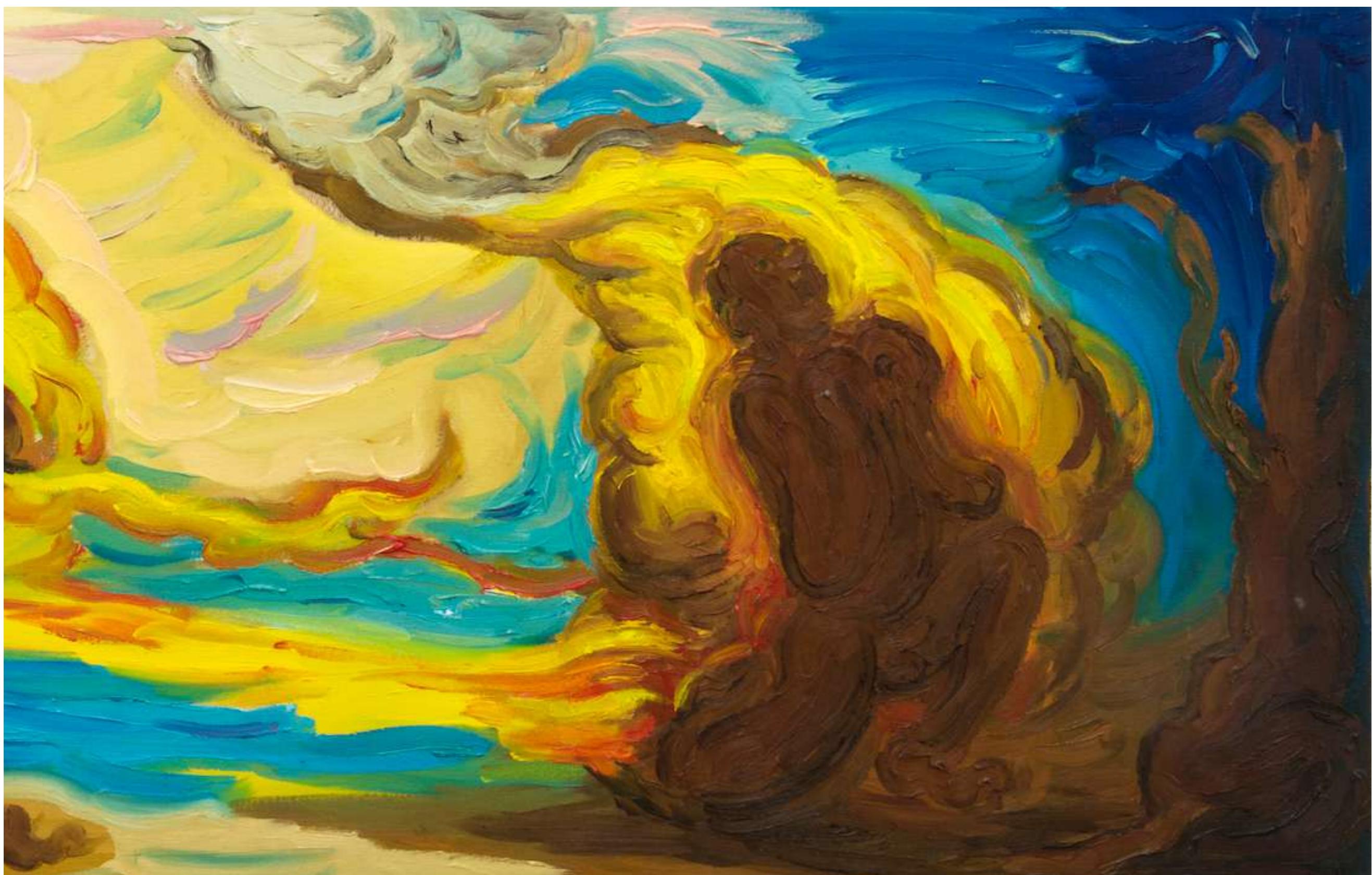
62 x 144 cm



TIAGO CARNEIRO DA CUNHA

Survivors, 2020

Detalhe [Detail]



TIAGO CARNEIRO DA CUNHA

Survivors, 2020

Detalhe [Detail]

Yuli Yamagata

São Paulo, 1989

Feito a partir de vários tênis de corrida pintados de spray e denominado *Troféu Papagaio* (2020), esse trabalho aponta para alguns dos principais temas abordados por Yuli Yamagata. O ponto de partida da artista está na linguagem dos quadrinhos e nos centros de comércio popular – como o Brás e a Rua 25 de Março, em São Paulo –, onde ela reúne uma miscelânea de referências tão diversas quanto ordinárias: das estampas com paisagens ao animal print, do vestuário do crossfit à profusão dos tênis de corrida. A convergência de tais imagens ganha a forma de esculturas e pinturas de uma teatralidade exacerbada, em que o pastiche e a distorção são recursos para lidar com questões sobre gosto, consumo e autoimagem.

[**Clique aqui para mais informações sobre a artista**](#)



YULI YAMAGATA

Trophéu Papagaio, 2020

Tênis de corrida, porcelana fria, arame e spray
[Sneakers, cold porcelain, wire and spray]

30 x 55 x 7 cm



YULI YAMAGATA
Troféu Papagaio, 2020

Fortes D'Aloia & Gabriel

www.fdag.com.br | info@fdag.com.br

Galpão

Rua James Holland 71
01138-000 São Paulo Brasil

Carpintaria

Rua Jardim Botânico 971
22470-051 Rio de Janeiro Brasil